

O ERRO COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA¹

Andréa Bandeira de Oliveira²

Fernanda Cristina Carneiro

Maria Eleuza Bandeira de Oliveira

Soraya Bandeira de Oliveira

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar que o erro da criança está inserido no Processo de Aprendizagem da Escrita, por ser um processo lento e de progressivas conquistas, pois é através das dúvidas, testando suas hipóteses sobre o sistema alfabético, o professor saberá agir, medir com responsabilidade, determinado o instrumento que irá utilizar no decorrer do desenvolvimento diário de seus alunos. A metodologia trata de uma pesquisa bibliográfica, com autores que desenvolveram seus trabalhos, com base na contribuição da escrita com avanços na fase pré-escola. Conclui-se que para a criança escrever convencionalmente, ela precisa confrontar-se com os seus próprios erros, e o professor considerá-los com naturalidade, aproveitando o que o aluno já domina e o que ele precisa aprender, preparando situações de aprendizagem, para que possa intervir e avaliar diante das produções e interpretações dos alunos.

Palavras-Chave: Erro. Escrita. Intervir. Mediar. Avaliar.

ABSTRACT

The aim of this paper is to show that the error of the child is inserted into the Learning Process of Writing, to be a slow and progressive achievements, it is through the questions, testing their hypotheses about the alphabetic system, the teacher will know how to act, measure responsibly, given the instrument to use during the development work of their students. The methodology is a literature, with authors who have developed their work based on the contribution of writing with advances in

¹ Enviado el 16 de octubre de 2009. Aceptado el 4 de diciembre de 2009

² Facultad de Ciencias Humanas. Maceió, Brasil

pre-school. We conclude that the child write conventionally, it must confront their own mistakes, and the teacher to consider them with ease, taking advantage of what the student has mastered and what he needs to learn, preparing learning situations, so you can assess and intervene before the productions and interpretations of students.

Keywords: Error. Writing. Intervene. Mediate. Evaluate

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa mostra que o processo de aprendizagem da escrita, requirer olhar especial dos envolvidos dessa relação, onde o foco está centralizado na ação do professor em reconhecer e aceitar que o erro da criança é considerado como parte do processo de aprendizagem, já que sua conduta poderá negar ou estimular o conhecimento do aluno, impedindo que o aluno avance; pois na maioria das vezes a sua escrita não é compreendida, dificultando todo processo entre o que o aluno sabe e o que ele precisa aprender, e, diante de tais evidências, o erro deve ser tratado de maneira séria e cuidadosa, pois a criança começa a representar a escrita, antes de ingressar na escola, ou seja, convive com pessoas e ambientes letrados, surgindo as primeiras tentativas de escritas, dando continuidade na educação infantil; sendo assim o erro, mesmo que inconsciente estará presente de maneira constante no decorrer da trajetória, rumo à alfabetização; e se o professor não for nestes momentos preciosos o mediador, atento com o processo da criança, no seu modo de agir e pensar, acabará desvalorizando e conseqüentemente inviabilizando a articulação entre o que o aluno sabe e o que precisa aprender. Neste sentido, vários autores abordam o erro no contexto do processo de aprendizagem da escrita, suas concepções, zona de desenvolvimento proximal, a avaliação do erro da criança e a necessidade da intervenção do professor, fator decisivo para uma aprendizagem significativa.

1.1 PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA

Ferreiro citado por Aroeira e Col. (1996), desenvolveu um método específico Ligado à alfabetização. Descreveu o processo de construção conceitual que começa com a diferenciação do desenho. Neste caso existe outra forma de

representar, onde passa a fazer uso de marcas sendo elas letras, números e figuras onde interage, procurando formular hipóteses:

Hipótese Pré-Silábica: Embora exista intenção de escrever, a diferenciação entre o desenho e a escrita, a criança não compreende que a escrita representa o som das palavras, e não o objeto que o nome se refere. Acredita que é necessário uma quantidade mínima de letras e que a palavra precisa de caracteres variados, ou seja, letras repetidas não servem, e também neste nível, a escrita represente nomes e atributos dos objetos, coisas grandes são escritas com muitas letras e pequenas com poucas letras.

Hipótese Silábica: Nesta fase, a criança tenta várias abordagens globais numa busca consistente da lógica do sistema. Com o tempo descobre aquilo que implica uma mudança de critérios: que a escrita não representa o objeto a que se refere. Percebe que os segmentos da escrita representem os sons da fala. Neste momento, costuma aparecer uma hipótese conceitual, conflitos quando gera contradições com o controle silábico e a quantidade mínimas de letras.

Hipótese silábica-alfabético: Marca transição entre os pequenos prévios que estão sendo construídos. Esse processo de substituição é longo e depende da elaboração e reelaboração de palavras conhecidas e desconhecidas.

Hipótese alfabética: Ao descobrir que a representação gráfica é realizada pelos símbolos alfabéticos, em combinações predeterminadas, a criança passa por níveis silábicos e silábico-alfabético. A ortografia, o espaçamento e outras convenções da escrita vão sendo assimilados ao longo do processo.

1.2 CONCEPÇÕES DE “ERROS”

Sisto (1996), afirmou que nenhum professor ensina conscientemente o errado para seus alunos, mas que quase todos eles apresentam, primeiramente é o erro, ou seja, nas situações de ensino-aprendizagem é comum que antes dos alunos chegarem as respostas certas, apresentem alguma dúvida a respeito do que se pretende ensinar, daí a importância do profissional de educação, valorizar as possíveis tentativas de acertos das crianças, agindo dessa forma, ficarão a vontade para expor suas idéias sem se preocupar com o certo e errado durante as atividades.

[...] O erro deve merecer trato pedagógico bem mais rico do que a sua condenação sumária, como tornar relativo seu valor como produção dos alunos. (LA TAILLE, 1997, p. 25).

Há que se observar, que o ERRO tem uma importância fundamental no desenvolvimento das produções dos alunos, por apresentar indicadores, que guiarão o planejamento do professor, frente as dificuldades ou não dos alunos; pois sendo encarado dessa forma, as práticas pedagógicas se consolidarão.

Baraldi (1994) observou que o mal denominado erro, evidencia a originalidade e a particularidade do pensamento infantil por estar muito além ou distante dos modelos de pensamento que o adulto oferece.

O pensamento de cada criança releva com a mesma está raciocinando, expondo as suas idéias através das escritas, por seu pensamento ser natural, próprio de cada uma.

Teberosky e Cardoso (1993) pesquisaram grupos de crianças, com ajuda de outros educadores que trabalhavam na mesma instituição. Foi observado que a medida que avançavam no trabalho com as crianças, deram-se conta de o que antes era considerado erro, não podia ,mas ser considerado, mesmo que as respostas não se adaptassem à norma.

Antes que os alunos alcancem os objetivos esperados pelo professor, precisam testar suas dúvidas que muitas vezes são interpretadas como erros, mas que na verdade fazem parte de todo o processo educativo.

Para Luckesi (1996), há que se observar que o erro como manifestação de uma conduta não-aprendida, decorrer do fato de que há um padrão já produzido e ordenado que da direção do avanço da aprendizagem do aluno e, conseqüentemente a compreensão do desvio possibilitando a sua correção inteligente.

Quando a criança não atinge a resposta esperada pelo professor, não quer dizer que houve erro. Pelo contrário, significa dizer que o aluno está caminhando para alcançar um nível mais elevado.

Para Teberosky citada por Aroeira e Col (1996), o que solicita uma resposta, porém nem sempre está ao seu nível. Ela deve ser interpretada. Os intercâmbios facilitam a socialização de informação.

Quando o professor cria situações de aprendizagem, este terá condições de acompanhar a atuação de seus alunos de maneira responsável, durante e depois das atividades, uma vez que o educador parte das observações do que os alunos já sabem.

Para Bachelard (1996), ao estudar o nascimento do pensamento científico, nos diz que psicologicamente não há verdade se erro retificado.

Na construção do conhecimento, há uma necessidade do sujeito primeiramente corrigir suas tentativas para que haja um aprendizado, superando e rompendo as barreiras que perpetuam durante a edificação do saber propriamente dito.

Os PNCs citados por Miami (2005) abordam o ERRO sendo este inevitável e que muitas vezes por ser interpretado como um caminho a ser percorrido para buscar o acerto; fazendo tentativas à sua maneira, construindo uma lógica própria para encontrar uma solução. E o papel do professor é procurar identificar mediante a observação e o diálogo, como o aluno está pensando, e a partir daí obter pistas do que o aluno não está compreendendo para poder interferir e auxiliá-lo.

1.3 A NECESSIDADE DE INTERVENÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ESCRITA UM OLHAR SOBRE O “ERRO”

A intervenção pedagógica é uma ação realizada pelo professor durante as atividades, enquanto os alunos trabalham, ou decisões que tomam antes e depois sobre os conhecimentos prévios dos alunos, auxiliando-os e adiantando o desenvolvimento dos mesmos.

Para Santos (2005), nas séries iniciais, o professor deve intervir nas produções dos alunos, ajudando-os solucionarem os desvios da norma padrão.

O professor deve propor questionamentos, fazendo com que os alunos reflitam e revisem para que possam perceber através da sua reflexão o que precisa ser modificado. Dessa forma, o aluno perceberá que revisando seu texto poderá melhorá-lo, habituando-se a uma análise lingüística, mesmo que inconscientemente, pois agindo dessa forma, os alunos serão analistas do seu próprio discurso.

Aroeira e Col. (1996) acreditam que o papel do professor é criar situações de aprendizagem a acompanhar a atuação do aluno. Para tanto, uma importante ferramenta metodológica é a observação do trabalho individual e coletivo, onde a

criança sentirá a necessidade de registrar, valorizar a caligrafia, ortografia, entre outros aspectos.

Saber (1997), destaca que o professor não precisa corrigir as escritas infantis porque nelas não há nada de errado no sentido comum da palavra.

A correção das escritas infantis é desnecessária, e na maioria das vezes é praticada conforme o professor interpreta a informação trazida pelo aluno, conscientizando-se de que a aprendizagem é uma construção seqüenciada, aproveitando-se as aprendizagens, e que o aluno se auto-corrija evoluindo cada vez mais.

1.4 A ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL “INSTRUMENTO” FACILITANDO DO PROCESSO

A ZPD, é um modo de avaliar como a criança está se desenvolvendo em sala, pois é através da ZPD, que o professor é capaz de observar coisas que a criança já é capaz de fazer sozinha, ou seja, as etapas alcançadas, e desempenhar tarefas sem ajuda de adultos ou de outras crianças; assim é o caminho que o indivíduo percorre para desenvolver suas funções, estando estas em processo de amadurecimento.

Segundo Vygotsky citado por Baquero (1998), a ZPD é a distância entre o Nível Real de Desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema e o Nível de Desenvolvimento Potencial, determinado através da resolução de um problema sobre a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro mais capaz. A aprendizagem desperta uma série de processos evolutivos internos capazes de operar apenas quando a criança em interação com as pessoas de seu meio e em cooperação com algum semelhante.

Curto (2000), explica que diante de uma criança que nos mostra o que escreveu a primeira coisa que devemos considerar é o que é capaz de fazer sem a ajuda do professor.

O essencial na escrita das crianças é o que elas conseguem realizar sem a mediação do professor; seu crescimento individual indica o que aprendeu e quais são as suas dificuldades e os mecanismos que farão buscar a superação.

1.4.1 AVALIAÇÃO DO ERRO DA CRIANÇA

A avaliação não se limita a valores resultados obtidos pelos alunos; ou seja, a avaliação não é um fim e sim um processo de construção e reconstrução da ação educativa, que ocorre de forma mais formal, através de instrumentos específicos que o professor elabora para acompanhar o desenvolvimento da criança. E quando se trata de crianças na pré-escola, o problema torna-se mais sério, pois as dificuldades são maiores como por exemplo, o fato das crianças não verbalizarem facilmente; mas o professor não pode apenas utilizar aspectos de desenvolvimento intelectual, devendo abranger também os aspectos sócio-afetivos e psicomotores.

O erro e sua correção são um dos temas em que o discurso pedagógico mostra maiores contradições. Esta questão surge fundamentalmente do conceito de quem “corrige” sobre aquilo que se corrige, por que e como sendo a primeira das questões: o que se corrige? (BARALDI, 1994, p. 177).

É delicado para o educador exterminar da sua prática pedagógica o erro no ato em que se corrige. Para que o aluno exponha suas idéias ou como ele está se raciocinando naquele momento, não poderia ser considerado como tal.

Para Hoffman (2004), a postura do educador frente às alternativas de solução construídas pelo aluno deveria estar necessariamente comprometida como tal concepção de erro construtivo.

O conhecimento produzido pelo educando, num dado momento de sua experiência de vida, é um conhecimento em processo de superação, porque o erro demonstrado pelo aluno, é considerado construtivo por estar de acordo com o saber do aluno naquele momento.

CONCLUSÃO

Este estudo mostrou que durante o processo de Aprendizagem da Escrita a criança vivencia seqüências evolutivas, logo os erros farão parte dessas caminhada, pois para que compreenda o sistema da escrita, as crianças fazem hipóteses, testam suas dúvidas, para buscar o acerto e estes muitas vezes não são compreendidos, havendo punição ou equívocos. Então o professor tem um papel

fundamental, uma vez que guiará as etapas dessa evolução, utilizando estratégias e instrumentos adequados.

Houve a preocupação de expor concepções de vários autores, com o propósito de analisar o que pensam a respeito do erro da criança, comprovando que os educadores não podem descartá-lo do seu planejamento.

As estratégias utilizadas pelo professor destacou-se a intervenção pedagógica, ação pedagógica que envolve correções que aos poucos irão se aproximando da escrita.

Destacou-se ainda a avaliação do erro da criança, onde o professor terá que valorizar e interpretar as escritas do aluno, sendo este um processo contínuo e não o fim.

Um outro recurso a ser utilizado pelo professor para avaliar o aluno é a ZPD. Ela indica o desenvolvimento das etapas já alcançadas e as que precisam ser conquistadas com o auxílio de outras pessoas.

Sugere-se que no momento das reuniões pedagógicas, os educadores discutam com os pais como a aprendizagem da escrita acontece, para que possam ajudar seus filhos nas atividades de casa.

REFERÊNCIAS

AROEIRA, Maria Luiza campos. **Didática de pré-escola**. Vida criança. São Paulo: FTD, 1996.

BACHERLARD, Gastón. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contra Ponto, 1996.

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BARALDI, Clemência. **Aprender: a aventura de suportar o equívoco**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CURTO, Luis Marunye MORILO, Maribel Ministral e TEIXDÒ, Manoel Miralles. **Escrever e ler como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-los a escrever e a ler.** Vol. 1, Cap. 18. Porto Alegre: artes Médicas Sul, 2000.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização: primeiros passos.** In. AROEIRA, Maria Luiza Campos e Col. **Didática de pré escola.** Vida criança. São Paulo: FTD, 1996.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: Uma perspectiva construtivista.** Porto Alegre: Medição, 2003.

LA TAILLE, Yves de. **O erro perspectiva piagetina.** In. AQUINO, Julio Groppa. **Alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliações de aprendizagem escolar.** 4ª edição. São Paulo: Cortez, 1996.

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental. Assessoria Pedagógica. In. MIAMI, Marcos. Matemática. Vol. 3. São Paulo, 2005.

SANTOS, Adriana Cavalcanti dos. **Metodologia do ensino da língua portuguesa.** Produção de texto. Unidade 3. Maceió: Ufal, 2004.

SEBER, M.G. **A escrita infantil: O caminho da construção.** São Paulo: Scipione, 1997.

SISTO, Firmino Fernandes. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar...** Petrópolis: Vozes, 1996.

TEBEROSKY, Ana. **Alfabetização: primeiros passos.** In. AROEIRA, Maria Luiza Campos. **Didáticos de pré-escola.** Vida Criança. São Paulo: FTD, 1996.

TEBEROSKY, Ana e CARDOSO, Beatriz. **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita.** 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 1993.